

O que é o homem?

[ou sobre a descoberta do homem]

Publicado em:

Periódico Héstia

Curitiba, V.2, N.1, 2018

pgs. 08 – 34

www.periodicohestia.org

O que é o homem?

[ou sobre a descoberta do homem]

(Abstração, Homem / Existência, Vida)

Luiz Alberto Thomé Speltz Filho*

I – O conto da origem

Chegaste ao *fim*, filho, estás no cume da montanha, no lugar mais alto no qual poderias estar. Foi árdua a subida, eu sei, gastaste tudo que tinhas, mas, se ainda posso te pedir algo, então suplico que te mantenha atento, sem fraquejar. Vê, olha para o horizonte, já é tempo: a hora é da aurora e o céu está a ponto de descortinar a sua glória. O sol, ele nasce. Observa, vê, esta é a hora. A luz se anuncia. Mas, antes que se dê o rebento, espera, medita e me diz: por que subiste até aqui? O que vieste fazer? Que coisa é digna de teu esforço? Tu o sabes? Pois bem, se me permites, deixa-me o dizer. Vieste para cá comemorar o grande *nascimento*, o grave *acontecimento*: a *origem do homem*. Aqui, no alto, na suprema terra, pois melhor lugar para o festejo não há: contaram-me, foi nesta montanha que ele foi *descoberto* — ou, para ser justo, foi aqui que *o homem se descobriu*.

É certo, meu filho, tu o sabes, não discorro a respeito do homem conjecturado por algumas escolas da ciência, como a escola antropológica, a histórica ou a psicológica, pois, embora de muita importância, vejo em seu trabalho apenas a tentativa de fazer do homem um ente, de torná-lo público, de formalizá-lo como uma notícia, um dado, como um modelo genérico de algo — e nisso podemos encontrar não mais do que o fantástico, o ilusório, a

* Endereço eletrônico: Luiz.speltz88@gmail.com.

O que é o homem?

pedagogia. Falo de algo mais sólido, mais concreto, algo mais sóbrio, embora, talvez, no princípio, um pouco mais difícil de compreender: não porque o assunto é rebuscado, complexo, mas justamente pelo contrário: porque é mais limpo, simples, como o ar translúcido aqui do alto, como o aberto que nos permite ter essa maravilhosa vista. Mas como o mais simples e sóbrio pode ser de difícil compreensão? Ele o é porque exige, para que seja alcançado, algum *esforço*. Vê, filho, para que chegasses a ter toda clareza e nitidez aqui de cima, tiveste que encarar um caminho bastante severo. Também a descoberta do homem ou, em outros termos, a compreensão *do que é o homem* é assim: algo que abre o horizonte da vida mas que requer empenho para a conquista — um empenho *próprio, pessoal, sustentado apenas e tão somente pelo coração*. Ninguém subiu a montanha por ti, mas tu a quiseste — e assim a subiste. Do mesmo modo, digo-te: é preciso *querer o homem* para que se o alcance.

E é esse mesmo querer, filho, que revela, que abre ou, melhor, que *faz ver* que tudo que é dito sobre o assunto (tudo que é dito sobre o homem) é espúrio, como algo que enubla o verdadeiro caminho da compreensão, como algo que pode fazer da subida da montanha uma verdadeira perdição. Não fosse o querer (o genuíno querer), facilmente compraríamos os *tipos* de homem vendidos nas praças das cidades e nas escolas do conhecimento: homens particulares, pautados no corpo e/ou na mente, em espécies e/ou relações entre entes. Ora, essas coisas, essas invenções, ainda que sinalizem a compreensão, não passam de fumaça, de abstração.

Não digo, com isso, que tu deves desdenhar o trabalho desses que criam e vendem *tipos*. Todo trabalho é bom — e aponta para a existência. Mas, no tocante à descoberta do homem [ou ao

próprio homem], digo-te, sem hesitação: nenhum deles poderá te socorrer, porque nenhum deles se ocupa [ou parece se ocupar] diretamente com a *descoberta de si mesmo* — o que seria [e é] o mais necessário.

Querer o homem é o mesmo que *querer se descobrir*. Portanto, filho, essa empresa é só tua: mesmo que eu te narre algo sobre o assunto, terás de seguir por conta, como fizeste para estar aqui. *O meu trabalho é apenas o de dar sinal, de entregar-te um vestígio, de dar testemunho do que o homem é de fazer; já a descoberta é contigo e para ti.*

Escuta, pois, o que tenho a dizer. É uma lembrança, uma memória, algo que ouvi. Escuta. Não é nada muito distante, percorre o nosso tema e poderá fazer parte da tua *comemoração*. Trata-se de um *conto*, uma narrativa, uma trama, que, além de trazer uma versão sobre a *origem do homem*, põe, de fundo, a questão da propriedade e, por isso, *pessoalidade* que a questão exige.

Alerto-te, porém, como tu deves ter presumido, que o homem, no *conto*, não é uma figura ou uma espécie, um animal, um ente entre outros, mas algo justamente como uma *conquista*.

Presta atenção. Escuta.

Conta-se que em um vale nascido entre penhascos montanhas, cada uma se erguendo até as nuvens, vivia um povoado que não conhecera nem sol nem estrelas. As manhãs e as tardes, embora iluminadas, eram sempre nubladas e, por vezes, chuvosas, pois, pela região, as nuvens no céu se aglomeravam e jamais se permitiam abrir, bloqueando a visão para além delas. A paisagem ou tudo que os seus habitantes podiam ver eram as montanhas e as nuvens — e o faziam com certa frequência, mesmo porque, para eles, ambas eram potestades importantes (como que divindades), em

especial as nuvens, pois diziam que nelas estava o *conhecimento da origem*. Aliás, esse é um ponto interessante: os habitantes do povoado, embora em muito se assemelhassem aos nossos, diziam-se ignorantes quanto a si próprios (diziam não se conhecer), tanto que se autoneomaram “sementes adormecidas”, ou seja, sementes que ainda não haviam despertado, que não haviam germinado para si. Possuíam uma crença, no entanto, de que as nuvens quebrariam a sua dormência, pois seriam elas o lugar próprio para o seu crescimento e a fonte suprema do que chamavam de “acordar” (palavra que designava luz). Assim, lá, nas nuvens, poderiam se encontrar, poderiam descobrir o que eram e ter conhecimento da sua origem — que, para eles, não era (ou não deveria ser) um conhecimento teórico, retórico ou histórico, mas o *estar na origem e, portanto, ser a origem* ou, melhor, o *originar-se a partir de si*: o *ser si próprio desde si próprio*: o *auto-originar*. Mas o que poderia ser esse *auto-originar*? Ou, o que seria isso que descobriria a si mesmo? Não sabiam, mas lhe deram um nome: “homem” (cujo significado era o *caminho da terra* — ou o *caminho do visível*, pois “terra”, para o povoado, era o visível). Diziam eles que as coisas, na medida em que despertavam, tendiam para o alto, como as montanhas, de modo que aquele que chegasse às nuvens seria a expressão máxima desse despertar, isto é, seria o exemplo, o caminho do que tudo deve ser, seria assim o caminho de todas as coisas.

As nuvens eram tão importantes que no centro do povoado havia uma espécie de templo para cultuá-las e cultivá-las: nele havia uma fogueira (que nunca se apagara) e, acima dela, um recipiente redondo, sempre cheio de água e outras coisas, com alguns orifícios na parte superior, de onde um vapor branco vazava dia e noite e se estendia até o céu. Tal como alguns povos mais antigos, eles também diziam que a única forma de se cultivar uma potestade é

deixando-a ou fazendo-a aparecer, pois, não sendo inapreensíveis ou fantasiosas, as potestades eram aquilo que de alguma forma lhes era fundamental, isto é, que não os deixava perecer. Se a água lhes fosse fundamental, então a água seria uma potestade; se o ar lhes fosse fundamental, então o ar seria uma potestade... Desse modo, a forma como, por exemplo, cultuavam a potestade cujo nome era o de algum cereal era justamente plantando esse cereal e se esforçando para que ele crescesse vigoroso. Não plantar o cereal seria, claro, uma ofensa grave, uma terrível profanação, mas as consequências nefastas desse ato viriam contra quem? Sim, contra o próprio povoado, que passaria fome. A ofensa (ou negligência) contra uma potestade era sempre uma ofensa contra o próprio sustento, contra o fundamento. Profanar o que te mantém em pé, meu filho, é profanar uma deidade — esse era o pensamento. Por isso, insistiam em produzir aquele vapor branco, como se criassem nuvens.

Ademais, admirá-las era também um modo de o povoado saber a própria fortuna, pois as suas formas, mais do que qualquer coisa, eram termos: sentenças que anunciavam os desígnios do alto. As escolas locais, inclusive, mantinham a proposta de experimentar os alunos na interpretação das nuvens, oferecendo aulas sobre as formas nubilares e sugerindo uma série de conjecturas a seu respeito. No entanto, apesar do empenho em empreender mais matéria, a única lição sempre muito reforçada era esta: *olhai para o alto*. Olhavam. Seguiam a lição, passavam horas com os olhos voltados para cima. E não apenas isso, especulavam também sobre como seria estar lá, no céu, pois, como já ficou claro, o que realmente lhes importava era subir as montanhas e *conhecer a origem*. Muitos já haviam tentado, mas não demoraram a fracassar: as

O que é o homem?

montanhas eram muito inclinadas e úmidas, escalá-las nem parecia possível.

Depois das falhas, porém, um desconhecido (ainda menino, muito quieto e pacato) começou a surpreender a todos com suas habilidades físicas e intelectivas — faculdades que pensavam ser necessárias para que o céu fosse alcançado. Os mais velhos diziam que seria ele o primeiro a acordar, mas isso já havia sido dito antes, então, embora houvesse alguma expectativa, tudo no povoado permanecia igual.

(Encurtarei a história)

O menino foi treinado por um senhor que falhara em duas tentativas — e, por sorte, não falira nas montanhas. O treinamento não consistia apenas em aprender a escalar, mas se exigia preparação espiritual bastante intensa, cujo fim era o de elevar o coração do aluno. O senhor sempre citava algum provérbio que dizia que *o corpo chegaria às nuvens como consequência de o coração já estar lá*, e, em sequência, incitava o jovem a desenvolver quatro aspectos que o enobreceriam e lhe fortaleceriam o peito: a correção, a coragem, o decoro e a autoridade. Coisa que fez com apuro, como ninguém.

Findado o processo de treinamento, estava na hora de o jovem subir.

Começou lento, atento, mas sempre num bom ritmo. Todos no povoado o admiravam, observando cada passo dado em direção ao céu. Foram-se alguns dias com atenção voltada às montanhas, até que, finalmente, o jovem e as nuvens se aproximaram. Nunca alguém fora tão longe — o que deixou o povo bastante eufórico. O jovem, porém, permanecia calmo, sereno, pois seu coração, como

citava aquele senhor, “já estava lá”: *o corpo seria apenas o testemunho, o sinal da subida.*

Faltava-lhe pouco. Então, num passo, chegou: alcançou as nuvens. Foi rápido, preciso. E, no mesmo instante em que tudo aconteceu, o jovem como que evaporou, desaparecendo junto à bruma branca, sem nunca mais retornar.

Houve festa, celebração, pois o homem finalmente havia nascido. *O primeiro homem.*

Mas o que aconteceu com ele? O que era ou o que é o homem? A semente rebentou em quê? Estaria ele na origem? Por que estavam celebrando? O povo brindava o quê? Ninguém sabia. O que todos viam no alto continuava a ser nuvens — e mesmo assim festejavam, como se ignorassem o fato de não terem sido eles a subir a montanha, como se ignorassem que permaneciam sem saber o que estava acontecendo.

Tempos depois, porém, alguns começaram a se perguntar sobre o que poderia ter acontecido ao jovem, sobre o que haveria nas nuvens, mas faziam-no por curiosidade, sem ter o coração no céu. Muitas conjecturas surgiram, todas elas com um significado bastante profundo, às vezes alegórico, mas eram apenas conjecturas. O que realmente aconteceu o povoado jamais soube, pois ninguém mais ousou ou conseguiu subir até lá: ou por medo de não voltar ou por incompetência.

Eu, de minha parte, arrisco-me a dizer o que houve: posso te contar o final — embora, assim, falando desse jeito, não passe de um desfecho ordinário, mesquinho, sem nada de excepcional. Eu te conto; já vou te contar. Antes, porém, espera. Pois é preciso que vejas nesse fim o que é teu: a conquista daquele jovem também deve

O que é o homem?

ser a tua conquista. Analisa tu mesmo, essa questão te importa. Tu o sabes. Vê, filho, observa. Vê como vieste parar aqui. Analisa se tens o coração no alto.

II – A estranheza e a vergonha

Chegaste a esta comemoração porque já há algum tempo, desde que estiveras mergulhado no abismo, na vergonha, vens te interessando pelo assunto: por ti mesmo, pela tua origem. Estás lembrado de quando isso começou? Pois eu me lembro. Tu sempre foste muito dedicado às ciências dedutivas e à literatura, buscando através delas recursos para que pudesses articular e compreender as coisas ao redor. Por vezes, ensaiavas reflexões acerca disso ou daquilo, mas, mesmo contente com o produto do pensamento, sabiamente intuías que algo te escapava. A certa idade, procurando correção, iniciaste os estudos mais avançados; foste morar longe de casa e te envolvereste com os dislates da cotidianidade. Depois de algum tempo, no entanto, retornaste: estavas novamente em casa. Foi nesse retorno... Estás lembrado? Foi nesse retorno que sofreste da terrível vergonha: quase dentro de casa, já sob a ombreira da porta, de repente, estando ali, paraste como que em choque. Por que motivo? O que aconteceu ou acontecia? Ora, tu estavas estarecido. Tudo ao redor estava como sempre estivera: era tua casa, tua família, mas tu notaste algo. E o que notaste? *Não era de se falar*, não era uma coisa em particular ou um sentimento, era uma *estranheza*, uma *esquisitice*. Nada de grotesco, nada de escandaloso, pelo contrário, era em verdade um *silêncio de tudo* (uma *ignorância*), como se a substancialidade, a coisidade das coisas se evaporasse, ficando apenas a *superfície*. Essa superfície, porém, não envolvia nada, não estava sobre nada; não havia nada além ou embaixo dela,

embora ela mesma fosse como que uma abertura. Algo estranho, sem dúvida.

Naquele instante, uma borboleta passou por ti e tu a observaste: estranhamente, ela não era mais borboleta, era também *silêncio*, mesmo que a sua *figura* [de asas enormes] permanecesse igual. A borboleta não era mais dona de si, ela era *nada*, apenas uma abertura para o voo, para a beleza, para o que tu não compreendias. Tudo, em verdade, era esse *nada*, tudo era essa abertura para... tu não o sabes. Era como se estivesses acordando sem nunca ter dormido: sentias ter os olhos abertos pela primeira vez. Era uma visão inocente, não maculada, virginal, e isso não te dava a realidade, o real, mas a dissolvia, como se a dissipasse, embora nada tivesse efetivamente sumido ou se perdido. Foi espantoso, certamente, diria também maravilhoso, mas não apenas porque tu finalmente vias, mas porque tudo permanecia igual — porque tudo estava como sempre estivera diante de ti: em *silêncio*.

Estavas admirado e ao mesmo tempo abismado, e tua alma, pela vez, profundamente ferida: encontravas-te na *vergonha*, pois também isso se fez claro: a tua negligência, o teu afastamento do óbvio, o teu desprezo, descuido e, de certo modo, a tua arrogância na presença do que te rodeia.

Em meio à dor, à vergonha, então, o desespero te tomou e tu te deixaste seduzir pelo conforto de alguma opinião: foste levado a estabelecer um juízo sobre o que estava acontecendo, isto é, foste levado a desviar o olhar da *estranheza*, a recobri-la com o véu do que supunhas não ser estranho. Tentaste opinar e conceituar sobre o que vias e, quanto mais o fazias, mais a substancialidade retornava, mais as coisas se tornavam coisas. A cada nova tentativa de julgamento, de ajuizamento, de conceituação, porém, tu parecias

O que é o homem?

melhor, como se a vergonha se extraviasse e a tua alma, aparentemente, cicatrizasse. E assim seguiste.

Mas aquela aparente melhora não persistiu: após poucos anos, sofreste mais uma vez.

Estavas andando por uma estrada, pensativo, conjecturando sobre a *estranheza*, quando viste um velho sentado à sombra de uma árvore. Ele parecia descansar, tinha os sapatos desgastados, a roupa batida. Talvez fosse um ermitão. Quisestes então lhe oferecer comida, estendendo-lhe um pedaço de algo, mas ele o recusou, dizendo: “não queiras comprar a minha riqueza com a tua pobreza”. Naquele instante tu te assustaste, mas, recobrando-te, o indagaste: “que queres dizer com isso?”, e o velho retrucou: “o desejo de compreender também é o desejo de perder. Se não me alcanças com essas poucas palavras tampouco me alcançarias com mais. Continua, porém, a tua busca, rapaz, porque às vezes é preciso descobrir o que já está sempre aí, descoberto. Segue o teu curso, vai para onde o nariz aponta e te deixas tornar homem, pois somente ele é capaz de ver o que tu já não vês: o óbvio. E antes que me perguntes mais, dar-te-ei o meu único ensinamento: se quiseres perguntar algo, aprende a fazê-lo, pois aquele que o sabe já tem para si o que procura”.

Tu ficaste, ali, parado, sem nada dizer. Era como se tivesses retornado à porta de casa, quando te espantaste pela primeira vez, sem nunca ter saído de lá; tudo que passaste, tudo que disseste e conjecturaste sobre a *estranheza* ou sobre qualquer coisa se afastou como se o vento o soprasse para longe; e tu, pela vez, te viste novamente mergulhado no que não compreendias, mergulhado na *estranheza*, na *ignorância* — que é, em verdade, onde sempre estiveras. Percebeste então que aquilo que parecia te curar não o

fazia. Quanto mais te empenhavas em ajuizar, menos dor e menos estarrecimento sentias, pois estavas a te entorpecer, a te defraudar. Para ti, isso, saber de teu autoengano, foi terrível.

Estavas novamente na vergonha: a ferida se anunciava, e não apenas porque negligenciaste a estranheza, mas porque tu mesmo a tentaste esconder. Vendo-te daquele jeito, o velho ainda disse: “perdeste o chão, rapaz? Não tens mais onde te segurar? Nem em ti mesmo tu podes confiar? Digo-te, porém, agora é a hora: estás no caminho. Para a verdade, não há outro acesso senão através da *vergonha*, isto é, do *pudor*, da *castidade*. Continua, anda: ainda há mais que percorrer, ainda há mais que perder. Peço-te, porém, que não te enganes, toma cuidado, pois não quero incitar-te a qualquer tipo de privação, não quero te entregar a uma via perniciosa. A *castidade* que enuncio não é e não deve ser um objetivo, uma coisa a se alcançar. O anseio por ser casto ou a ambição pela castidade, ora, isso é uma fraude, um embuste, uma terrível *perversão*! A genuína castidade, a genuína vergonha, é apenas o sendeiro natural daquele que se entregou à verdade. E onde está esse sendeiro? O que ele é? Como encontrá-lo? Ele não está em lugar nenhum, pois ele é justamente o *querer a verdade*. Tu a queres, rapaz? Então tu estás no sendeiro, sempre estarás porque também sempre esteves, e, nesse caso, não há privação alguma, não há prisão, apenas entrega, *interesse*, devoção: *abertura/ liberdade para a verdade* ou, em outros termos, *liberdade para o aberto* — pois a verdade é isso: o aberto, o descoberto, a existência. Tu queres a verdade? Então é preciso *ver*, é preciso enfrentar a vergonha e atravessá-la. Mas, para que o consigas, para que *vejas*, para que enfrentes a vergonha, apressa-te em lavar e treinar os olhos da alma, em te despertares à contemplação, dedicando-te a alguma atividade manual, ao fortalecimento físico, à boa alimentação e às artes nobres (como a música, a dança, a marcial, a geometria e a

O que é o homem?

retórica). Trabalha, rapaz, isso é o necessário! Não falo mais, vou-me embora...”.

O velho partiu, rumando em direção ao lugar onde agora estamos, a esta montanha, subindo e te deixando para trás. Tu tentaste acompanhá-lo, mas logo o perdeste. Então, sem condições de continuar, não te restou outro caminho senão o do retorno...

Desde então, dez anos se passaram — e tu permaneceste firme às recomendações do velho... Enfim, estás aqui. Vieste ao encontro do homem, vieste ao encontro da origem.

Há, agora, filho, que retornar à dor, é preciso que te vejas na ignorância, que te reconheças na vergonha, pois, como sabes, tu ainda não a enfrentaste.

Estás aqui, portanto, não para que a tua ferida se feche, não para que a vergonha se enuble, mas para experimentá-la. Vê, filho, observa, estás na liberdade, estás na origem do homem, no alto da montanha, sobre as nuvens, no seu nascimento, não há nada ao redor, estás no sendeiro da verdade. Encontra, pois, o homem. Comemora-o: apenas tu o podes fazer.

Eu, de minha parte, posso não mais que te incitar à *hombridade*. E é o que farei (ainda que muito precariamente), pois isso deixará mais claro o que tenho a contar sobre o desfecho daquele jovem, deixará mais claro o fim do conto, o fim da história. Incitar-te-ei através de uma tentativa de me fazer homem. Sim, filho. Observa a fala. Observa de onde ela vem e para onde vai. Observa para que o meu termo se cumpra e para que tu vejas o que tenho a mostrar. Observa, porque, para enfrentar a vergonha, para entender o que é estar aqui, na suprema terra, para entender o que é estar na origem, nada mais sensato do que ver ou ensaiar o que

apenas um homem poderia fazer: *falar sobre a vida, falar sobre ele próprio.*

III – Vida, homem e existência.

Para que tu compreendas o que tenho a dizer, apenas escuta, sem formar conjectura sobre nada. Contarei algo a respeito da vida, mas não sobre a concepção biológica [ou sobre qualquer outra figura da ciência], não como um acontecimento terreno, como um composto molecular ou reações químicas metabólicas, não como um modo de viver, tampouco como matéria animada, pois tudo isso é abstração. Contarei algo a respeito da vida ela mesma, a seu favor, porque é o meu compromisso. Vida é, essencialmente, o *buscar a si mesmo* ou, ainda, é *necessidade de si* — e isso não é *algo*, não é uma *coisa* que se pode achar, de modo que não é possível tratá-la como tal.

Então como falar sobre ela? Como falar sobre a vida? O ponto interessante é que falar sobre a vida é apenas mostrar que ela mesma já o faz por si. A *existência*, filho, é a *fala da vida*, é a *sua voz*, o *seu termo*. Para que se a conheça, portanto, tu deves escutá-la, ouvi-la. Está aí. Existência. Vê. Tens conseguido? Não? Então presta atenção.

Sobre o que a vida fala? Escuta. A vida fala só sobre ela mesma, porque busca, falando, a si própria. Assim, a *existência* é a *busca por si* da vida, é o seu *exercício*, o seu *entendimento* (seu *auto entendimento*) — e isso também não é coisa nenhuma, embora tudo (as coisas) apareça justamente por conta desse exercício.

Como vida não é *algo* que se ache por aí (ela não é um lugar e não está em lugar nenhum; não é um corpo e não está em corpo

O que é o homem?

algum), então o ponto de partida de *sua busca* (de seu *compromisso* consigo, de seu *encontro*) é ela própria. A vida, assim e enfim, é a *porta*, é a *abertura* de e para si mesma — e o seu *auto entendimento* (o seu *exercício*, a sua *fala*) é a *existência*.

Pronto, o que mais eu poderia te contar sobre o assunto? Isso não basta? Não no teu caso, meu filho, pois ainda não vês o muito no pouco — e, por isso, muito ainda te é pouco. Dar-te-ei então mais do que o recomendado, mais do que o prudente, para que algo consigas ver. Mas toma cuidado: quanto mais coisas eu te contar sobre a vida, mais fumaça terás pela frente, mais abstrações encontrarás. Estás de acordo? Assumes o risco? Pois bem.

A vida, em sua busca, se desdobra ou, melhor, se abre em quatro (em quatro portas para o próprio entendimento, para a própria busca): a *porta física*, a *imaginativa*, a *orgânica* e, por fim, a *direcional*. Irei chamá-las de “portas do entendimento”. *Cada uma delas é a vida aberta para si própria*. Consegues guardar isso? Então seguirei.

O *homem*, pela vez, isto que tu deves descobrir, é o *encontrar-se da vida com o seu compromisso*, isto é, é o *encontrar-se com a busca por si, com a sua fala*, e assim ele é o fim e o início: fim porque, no homem, o *compromisso* da vida se mostra e, por assim dizer, acontece; e início pois o *compromisso* é a necessidade de prosseguir com o próprio buscar: como se o encontrar-se com a busca por si fosse o encontrar-se com a oportunidade de se buscar. Em outros termos, o homem é a *abertura entre as portas do entendimento*, é a *porta para as portas nas e através das quais a vida se entende* [ou, melhor, ele é o *próprio abrir-se da vida em quatro portas do entendimento*], é o *meio privilegiado de busca, de experimentação*, é portanto a *possibilidade de a vida, a partir de si mesma, se concretizar, se compromissar*. Não há distinção entre ambos: o homem

não é diferente da vida, mas um meio pelo qual ela, desde e para si, descobre, escuta e, então, reconhece a sua própria voz. Pode-se dizer, assim, que ele é, principalmente, o *descobridor da fala da vida*, ou seja, o homem é a porta através da qual ela se desvenda para a sua busca e *se identifica* com suas portas (com suas aberturas): *entendendo-se, desvendando-se*.

Não cabe dizer, no entanto, que esse *entendimento* é como uma informação que ela extrai de seu próprio encontro [ou de seu encontrar-se]: a vida não se identifica com uma atribuição ou classificação que dá a si mesma: as portas do entendimento, por exemplo, não são seus atributos, *mas ela mesma atuando como sua própria intermediária*. A *identificação* (a identidade conquistada através do homem) também não é uma tese que o homem formula sobre a vida, não é uma afirmação na qual ele diz “vida é isso ou aquilo” ou “eu sou vida”, mas algo mais modesto, menos perdido e menos sofisticado, algo que de pronto já garante a sua identidade, algo que, enfim, já chamei de “existência”: *a vida se identifica com ela mesma na e como existência*. Não porque se pode dizer que “vida existe” ou que “homem existe”, pois ambos, enquanto vida (enquanto o buscar a si mesmo), não existem, mas porque neste encontrar-se [isto é, no homem] as portas do entendimento se desvelam e se abrem: a vida se mostra e se entende como *busca por si*, como seu *exercício*, e assim se vê como o seu próprio *fundamento*.

Na porta física, ela se revela como o seu *quê*; na porta imaginativa, como o seu *como*; na porta orgânica, como o seu *porquê*; e na direcional, como o seu *para quê*. E é a manifestação de seu fundamento (disso que aparece nas e com as portas do entendimento, nas e com as portas abertas de seu se encontrar) que é propriamente a existência, o entendimento, a fala da vida. Mas,

O que é o homem?

como eu te disse [e como espero ter ficado claro], a existência não é uma informação que a vida se extrai: o *qué*, o *como*, o *porquê* e o *para quê* não são dados ou respostas às perguntas tecidas no pensamento, não são argumentos retóricos ou coisa do tipo, mas são a *observação da vida sobre si mesma*. E quando e como isso acontece? Quando e como *homem*... Vê, filho, *o homem é a abertura da existência* — e tu hás de reconhecê-lo assim. Mas a existência não é uma coisa ou outra em particular, não é um jeito ou outro de ser, não é uma lei ou um conjunto de leis naturais, não é uma realidade simplesmente, mas *vida expressa em seu próprio fundamento* — o que também é dizer: *em seu próprio funcionamento*. Vê, olha para frente, para o horizonte, para tudo, e apenas vê: não penses mais do que tu vês, não tentes conjecturar, apenas observa, pois tudo já é descoberto, tudo está aí...

Tu ainda não consegues, não é? Não aprendeste a observar a existência. Pois bem, é preciso que nasças para a vida, que te tornes o que és — e teu empenho, essa atenção no horizonte, prova que isso deve estar a ponto de acontecer. A tua *ignorância* (a *estranheza*) te fez chegar até aqui, o que é quase o encontrar-se com a busca por si, é quase o nascimento. Mas, para que se efetive, para que vejas o que é preciso, para que enfrentes a liberdade, a vergonha, *terás de ser um bom ignorante*. E no que isso consiste? O que é ser um bom ignorante? Ora, *é ver e reconhecer a plenitude (a sabedoria) na ignorância*. Para isso, no entanto, digo-te: preciso é que te empenhes no teu autoexame, na tua análise, na escuta do que ignoras.

De início, então, a fim de que te coloques em condições adequadas, faz o mínimo para entender o que tens à frente, observando como vida se reconhece, como vida se identifica em suas aberturas, em suas portas.

Podes me acompanhar? Pois tem atenção:

1) Em primeiro lugar, contarei algo sobre o entendimento da vida através da **porta física**. Mas, para que me compreendas, é preciso que tu mesmo notes o essencial: esse entendimento (a existência) é *harmonia*. E como ver? Como entender essa harmonia? Está aí, não é preciso que tu a procures, ela não é nada em *particular* e tampouco uma *combinação* ou *relação* entre coisas, ela simplesmente está aí. Compreendes o que digo? Olha para aquela flor, aquela vermelha, logo ao lado da pedra. Consegues ver? A existência é *como* essa flor. Mas o que afinal estás vendo? O que estás entendendo por flor? Vê-la não é ver as pétalas, as sépalas etc. e tampouco observar o modo como ela se liga à terra e aos outros entes que ali estão. Conceber a flor através de “suas partes” ou pensá-la como um ente em relação com outros é certamente um engano, justamente porque *partes* e *relações* são sempre *abstrações*, ou seja, são sempre *afastamentos*, *separações* — embora também, como falarei adiante, sejam *traços* do que estão afastando. Então o que estás vendo? Estás vendo a flor? O que é a flor? Eu te digo: é a harmonia. Não a harmonia entre as “partes” da flor, suas cores ou o que for, mas aquilo que é a *criação* da própria flor, o *ânimo*, a *força* que a sustenta em si, o seu *quê*. A flor é a sua própria criação — de modo que, para vê-la, é preciso entender dela: da criação.

Como fazer isso? Suponha a flor uma canção, para escutá-la, tu não tens de te fiar em apenas uma nota ou na união ou na relação entre as notas, sob pena de perdê-la. A canção, em verdade, transcende as notas, o ritmo ou outra coisa. Para que se a escute, portanto, é preciso *transcender*, é preciso *superar* tudo que a “compõe”, é preciso *se reconhecer* [ou *se identificar*] como a própria canção: o *tom* em que as notas aparecem, a *força* que as faz soar, enfim, a harmonia. A existência, filho, repito, é como a canção, é como a flor: ela não é parte de nada, não é composta de nada e

O que é o homem?

tampouco se relaciona com alguma coisa; ela é simplesmente o *ânimo*, a *força de encontro* da vida, o seu *quê*, a sua própria *criação*. Desse modo, não é possível entender a existência como se ela fosse um algo qualquer: ela não é uma figura que pode ser vista ou imaginada. Para entendê-la, então, é preciso transcender toda e qualquer coisa, toda e qualquer figura ou abstração.

Mas, novamente, como fazer isso? *Fazendo, trabalhando, sendo a própria busca da vida*, isto é, sendo [e, assim, se reconhecendo como] o seu entendimento, [como] a sua força de encontro, [como] o seu compromisso. Então, para que tu entendas a harmonia, *é preciso trabalhar em busca da vida, trabalhar em busca de si* — ou, simplesmente, *trabalhar*, pois a busca da vida não é uma pesquisa intelectual que ela faz sobre si mesma, a busca da vida através da porta física é a *sua manutenção*, como *lida consigo mesma*, como *ânimo, força, criação de si*. O *quê* da vida, a harmonia, portanto, é não mais que *trabalho*. Entender o *quê*, entender a existência, é, assim, o mesmo que *trabalhar*.

2) Além disso, a canção da vida, a existência, é também o seu *como*, o que, a rigor, quer dizer a sua *aparição*: o *sentimento*, a *reflexão* ou, melhor, a *experenciação* de si. Mas, como já disse, a vida não é uma figura, não é um algo que pode ser pintado ou conceituado. O que seria então a sua *aparição*? O que seria isso que eu poderia chamar de “retrato da vida”? Digo-te: o seu retrato é simplesmente o *aparecimento*. Aparecimento de quê? De nada em particular, porque o retrato da vida não é o retrato de algo, ele é todo e qualquer *aparecimento* — enquanto *aparecimento*.

Mas, se quero ser justo, é preciso dizer algo, é preciso dizer que as coisas não aparecem, que não há nada para aparecer. Estás vendo aquela pedra? Quando tu a vês, em verdade, não há pedra. A pedra é uma abstração. Como assim uma abstração? A pedra não

pode atingir o teu corpo e feri-lo? Como poderia uma abstração ferir? Ora, ninguém sai ferido desse embate entre pedra e corpo, pois o teu corpo também é abstração — o embate seria apenas outra abstração (um afastamento do próprio fundamento da vida e, ao mesmo tempo, um sinal seu). Não há coisas, não há pedras, há apenas vida se refletindo, vida se entendendo através da **porta imaginativa**. O seu entendimento, no entanto, não é um reconhecimento corpóreo de si. *O seu entendimento é tão somente a auto experienciação.*

E como então pensar essa experienciação de si? A abertura da e para a experienciação se dá no e, de certo modo, é o próprio homem, mas, diferente do modo como se convencionou dizer, a vida não se experiencia com os olhos ou com os denominados “órgãos dos sentidos”, tampouco se experiencia em atividades cerebrais, pois essas coisas, os órgãos sensoriais e o cérebro, são apenas os sinais da experienciação da vida, como símbolos, mas não são o próprio entendimento de si. É comum que se diga “eu sou de carne e osso, sou um complexo orgânico, tenho atividade fisiológica, e, assim, nesse emaranhado de vísceras, nessa mecânica, é o meu corpo, o meu cérebro que percebe as coisas, que as vê”. Mas essa visão (esse modo de entender) é, em verdade, um engano. Os olhos ou, melhor, o corpo é uma *experiência* (um *tipo* de aparecimento) da experienciação da vida, que pode ter relevância na *ordenação* em que ela se pensa, mas que também não é a própria experienciação. Não se deve imputar a essa experiência o *como*, a existência, a aparição. Não é pelos olhos que a aparição se dá, é pela aparição que os olhos são vistos. Os olhos são sinais da aparição, são abstrações. A experiência é sempre tardia, é uma marca do que a produziu. O corpo (o corpo humano), pensado como senciente, é portanto tardio, é apenas mais uma figura, mais um ente entre

O que é o homem?

outros num sistema em que ele pode servir como *símbolo* à experienciação, como sua *experiência*. Vê, filho, *símbolo* e *experiência*, aqui, são o mesmo: sinal da experienciação. Isso, no entanto, não quer dizer que o *homem* é tardio, pois a sua identidade não se dá com uma experiência, com o corpo humano (ou com um sujeito ou com um objeto ou com o que for), sua identidade não se dá com figura alguma, sua identidade, nos termos da porta imaginativa, se dá com a própria reflexão de si, com o seu autoexame. É na busca por si mesmo que o homem se identifica...

Mas, voltando à questão: como pensar a experienciação da vida? Como? É preciso pensá-la como *espacialização*, isto é, como o *processo* através do qual *a vida se exemplifica para si* ou, ainda, como o processo através do qual *ela se dimensiona*. Quando digo que a experienciação da vida significa espacialização, digo que ela cria limites em seu auto-buscar, que ela *se compromete* ou, em outros termos, que *a sua busca é, ela mesma, uma delimitação, um horizonte, uma demarcação — um compromisso*. Olha para aquela árvore. Olha, sem receio. Vê. Nota como é frondosa. Se eu te perguntasse o que estás admirando, dirias que as folhas, o tronco, os galhos e todo o resto. Poderias chegar mais próximo, tocá-la, e assim terias mais um modo de admirá-la, que seria pela aspereza do tronco ou lisura das folhas. Poderias, com os dedos, seguir o seu contorno, rodeando-a, sentindo até onde ela vai. Mas também eu poderia, ao invés de te a indicar com o dedo ou pedir para que fosses até lá, descrevê-la, dizendo algo sobre a árvore ou, simplesmente, dizendo o seu nome: “árvore”. Perceba que todas essas coisas (as folhas, o tronco..., o nome) são os limites da árvore: a sua experiência, o seu exemplo, marcas que se criam a partir de nossa busca por ela, *de nosso compromisso com a árvore*. Mas nenhum desses limites é a própria árvore e tampouco a sua experienciação. O que é então a árvore?

Podes dizer? A rigor, ela é também uma abstração, um sinal, uma marca da reflexão da vida, de sua experiencição. Entretanto, num exercício de pensamento, se quiséssemos concebê-la como sendo a própria vida, *diria que ela não é nada*, é apenas o *buscar a si mesmo*, de modo que o tronco, os galhos etc. são os *exemplos* da busca, isto é, *sinais*: os limites criados pelo auto-buscar, *pelo seu compromisso consigo mesma*.

Em suma, a existência é a delimitação da vida (é o seu horizonte) e a experiência é o sinal da existência. Não há pedra, não há árvore, não há coisas, tudo é apenas marca da aparição da vida, tudo é abstração.

3) Mas é preciso também observar, filho, a *ordenação*. Falei há pouco sobre uma experiência: o corpo humano, e disse que ela pode ser relevante para a *ordenação* em que a vida se pensa. Estás lembrado? O que isso significa? Na verdade, a formulação não me parece adequada, melhor seria se eu tivesse dito simplesmente que “a experiência (o corpo) é importante na *ordenação da vida* — ou no que costumo chamar de ‘*pensamento da vida*’”. E aqui emerge ainda mais uma questão: o que é essa *ordenação*? O que é o *pensamento da vida*? Tu o sabes? Pois bem, o pensamento da vida é o seu entendimento (a existência) na **porta orgânica**. Mas não o penses como a produção de uma opinião, como o uso da imaginação, como o resultado da [ou a própria] atividade do cérebro, como um exercício mental ou coisa do tipo. O pensamento de que falo, ele é, em verdade, a *fundamentação* da vida, a sua *estrutura*, o seu *porquê*: é o modo como vida se organiza ou, melhor, *é a própria organização da vida*: o ajeitamento, a arrumação de que ela se vale para a própria conquista. Desse modo, a sua organização é também o que se diz

O que é o homem?

“encaminhamento”: o *percurso através do qual a vida se direciona para si* ou, em outros termos, o *método de seu auto-buscar*.

Faz, agora, um exercício de memória — ou faz uso da imaginação. Antes de subir a montanha, tu te lembravas da última estrada que cruzaste? Eu te a indiquei com o dedo, quis que a percebesses. Pois bem, tu sabes que estrada era aquela? Para onde ela levava? Eu te digo: se a seguisses, atravessando-a, darias com um grande lago: lugar de água cristalina, boa para beber. Seria por meio dela (da estrada), portanto, que tu te encaminharias para a água. Correto? De modo análogo, também o *porquê* da vida, a sua estrutura, é uma *estrada* que se abre para a própria vida.

Assim, meu filho, boa é esta sentença: *a estrada da e para a vida é o seu próprio pensamento: a existência*.

Tens dúvida do que isso significa? Ora, tentarei explicar. Eu acabei de te lembrar da estrada que cruzaste antes de subir esta montanha, lembrei-te inclusive de minha indicação, de como a fiz... O que foi esse *apontamento*, essa *remissão* de tua atenção? Pensa, o que foi? Por certo, minha intenção era a de que tu percebesses a estrada, a fim de que compreendesses sobre o que estava falando. E que melhor compreensão não terias se eu te levasse até ela? Concordas? Foi o que fiz. Pois não quis, com o apontamento, fazer uma *relação* entre a estrada da vida e a estrada da água, não quis — e não fiz — uma *ligação* entre o meu dedo (a indicação) e a estrada; o que fiz — e quis — com ele foi te levar até a estrada da água para que a atravessasses em sentido à estrada da vida. O *apontamento*, meu filho, foi, assim, um *encaminhamento*: não apenas o indicar com o dedo e o meu dizer (a minha lembrança) sobre a estrada, pois esses gestos são abstrações, mas o processo todo: o *pensamento que abria e se abria* e que permitia que eu indicasse e falasse. O instante em que levantei o

dedo e te mostrei a estrada ou o instante da lembrança foi apenas mais um indício, um sinal, mais um *vestígio* deixado pelo pensamento... Analogamente, filho, digo que a existência é esse apontamento — e, por outro lado, o que ela “produz” (se é que dá para falar assim) é sinal dela própria, ou seja, sinal que aponta para a própria existência.

Desse modo, o pensamento não é algo isolado, em separado, com começo e fim. Ele é sempre. *Tudo acontece segundo o pensamento*. Todas as coisas, enfim, são vestígios deixados por ele — a fim de apontá-lo, a fim de mostrar a estrutura da vida, a sua fundamentação.

No entanto, se isso está correto, por que os vestígios (as abstrações), além de símbolos, também são afastamentos (separações)? Ora, são afastamentos na medida em que, tomados em particular, como coisas entre outras, ou tomados como sendo a própria existência, impedem a compreensão da *fala da vida*. Porém, repito, se entendidos apenas como indícios do pensamento, eles *sinalizam* essa compreensão.

Pois há então outra questão: se tudo é vestígio, por que mencionei justamente aquela estrada? Por que peguei e pegamos aquela direção? Por que não me utilizei de outra figura para que tentássemos perceber o que me propunha a falar? Simplesmente porque, para a ocasião, a estrada da água surgiu como a *evidência* mais concreta do *método de conquista da vida*.

O pensamento, filho, em verdade, mais do que uma estrada, é um *estradar* ou, ainda, um *estradamento*: um *progresso* com vistas à vida, para que ela seja alcançada. Desse modo, o vestígio próprio à investigação é sempre aquele que mais [ou melhor] evidencia esse

O que é o homem?

progresso, aquele que mais mostra existência, segundo o encaminhamento da própria vida. Por isso, o corpo [humano] pode ser importante no pensamento: *ele, de forma bastante enfática, está sempre apontando para a existência, para o progresso*. Estás de acordo?

Mas como é possível ver nos vestígios o sinal do pensamento? Ora, não é possível ver *nos* vestígios — porque os vestígios já *são* o próprio sinal. Além disso, não queiras ver o sinal de nada, vê apenas o que está aí, evidenciado: *o porquê da vida, a sua fundamentação*. É o que é preciso.

4) Por fim, nota que a busca por si da vida é também *intenção*: o entendimento na **porta direcional**. E o que isso significa? Peço que imagines um rio, um rio que flui e segue até o horizonte. A intenção é como esse rio: ela é o que vai adiante, é o *para quê* da vida, o fluxo, a sua ida, sua *caminhação*. Consegues compreender o que digo? Pois não penses o rio como água corrente ou como coisa semelhante, pensa-lo como *sentido* ou, ainda, como *rumo*, como *rumação*. O rio é não mais que o sentido da água, o seu direcionamento — e, assim, a sua *intenção*.

Mas, se o sentido da água é o rio, *qual o sentido da vida?* A vida é o *buscar a si mesmo*, então o seu sentido não poderia ser outro senão a *sua própria busca*, enquanto concretização de si, enquanto *existência*. O sentido da vida, o seu *rumo*, é sempre a sua procura ou, ainda, a sua buscação — que é e pode ser a sua quereção, *pois o seu se buscar é também o seu se querer*. Compreendes?

Quando digo “buscação”, não falo sobre a coisa que a vida busca, sobre o objeto que procura, pois, por certo, ela não busca coisa nenhuma. A vida não quer nada além dela mesma, então não

há o *que* procurar. O único *quê* da vida é a existência, porém ela também não é coisa e tampouco precisa ser procurada.

Mas, se não há o que procurar, se o sentido não é um sentido para algum lugar, o exemplo que dei pode não ser adequado, pois, quando tu pensas no rio, é possível que o entendas como avanço das águas para um lago ou para o oceano, como se o seu fim fosse o desaguar em algum lugar. O rio da vida, porém, não há de desaguar, pois não há nada fora da existência, não há para onde ir. O rio da vida não é um rio cujo fim está para além dele. O exemplo, portanto, deixa de nos ajudar nesse ponto... Há como melhorá-lo?

Pensei em te pedir para que, acompanhando a fala, visualizasses um rio na forma de círculo. Talvez ajudasse em minha explicação... E por que não simplesmente um círculo? Sim, um círculo seria sem dúvida uma boa figura da intenção da vida. Mas, refletindo, agora, creio que com qualquer um desses exemplos perderias o foco. Para mim, eles são claros, pois vieram desde um exercício próprio de pensamento, de uma *análise* bastante pessoal da existência. A ti, por outro lado, não tenho como ter certeza... O círculo, como figura mais bem acabada da intenção da vida, é apenas a insinuação de sua análise, ele é como uma resposta, uma solução, como o fruto de trabalho e maturação, mas não necessariamente a base da resolução do problema sobre o que é essa intenção, não necessariamente o lugar de onde a questão começa... Não te enganes: não estou dizendo que não é possível ver a existência (a intenção) através do círculo [ou *no* círculo], estou dizendo que, para que a vejas nessa figura, antes é preciso te dispor a ela, é preciso que te a deixes ver. Eu, como alguém a te auxiliar, como um amigo, estaria apenas te atrapalhando e te encantando se

O que é o homem?

falasse sobre as maravilhas do círculo, sobre os motivos pelos quais ele pode ser um bom *sinal do para quê*. Mais justo, porém, é deixar-te por ti nessa empreitada, nessa análise. Então, peço-te: analisa. Analisa o sentido da vida, analisa o que tens à frente, analisa a existência, *pois a análise talvez já seja o próprio sentido, a própria intenção*: a sua quereção, a sua buscação. Querer vida é o mesmo que buscá-la. Tu a queres? Então está aí: o sentido — o único sentido.

Comprendes o que digo? Estou certo de que tudo isso é de teu interesse, como o era também daquele jovem de há pouco, que subiu a montanha e entrou nas nuvens. Estás lembrado? Embrenhei-me nessa garrulice sobre a vida (na qual mais de uma vez perdi o eixo) apenas para chegar a este fim. Pois bem, que eu avance, não há muito mais o que dizer, tu o saberás, então serei breve.

IV – A origem do conto

Aquele jovem, meu filho, já muito próximo das nuvens, olhou para baixo e admirou o seu povoado, em especial, a fumaça branca que vazava do templo central e se elevava até aquelas alturas. Subiu mais um pouco e de repente tudo desapareceu. A bruma era muito espessa, nada era visto. Havia chegado, estava no céu. Porém notou que era possível continuar indo para cima. Continuou. Caminhou por horas e a sensação que carregou durante esse tempo foi a de que andava mas não saía do lugar. Viu então, num momento, a necessidade de parar e descansar. Sentou-se em meio à palidez desértica das nuvens e a contemplou: foi quando percebeu que jamais estivera num local tão silencioso e monástico. Ficou por ali não se sabe durante quantos dias. No entanto, embora estivesse onde todos almejavam estar, não sentia familiaridade com aquela

paisagem: algo o expulsava, o pressionava para que saísse dali, como se o impulsionasse para cima. De súbito, então, levantou-se e voltou a caminhar. Caminhou e caminhou... Depois de algum tempo, em uma noite fria, já se arrastando pela penumbra, sem forças, notou que algo mudara: a umidade havia sumido e a pressão que o envolvia, abrandado. Percebeu também que já não subia mais — e, repentinamente, quis olhar para cima: viu as estrelas. Deitou-se e apenas observou, sem nada dizer, sem nada ajuizar. Estava espantado com o brilho celeste, mas nada lhe ocorria. Alguns minutos se passaram e a imensidão do horizonte se iluminou. Era chegada a hora: o sol surgia. As estrelas, pela vez, desapareciam. O jovem então se levantou e viu: abaixo de si tudo em nuvens se dissolvia — e, como um enorme tapete branco a se prolongar indefinidamente, o horizonte elas assinalavam e para o horizonte as nuvens se estendiam. O que era aquilo? Onde estava? Ele não se perguntou. Era o lugar mais alto em que poderia estar, onde quase nada havia: apenas algumas plantas e pedras e só. Voltar para o povoado? Isso nunca lhe ocorreu, embora também já não fosse mais possível: aquele era um caminho sem volta. Nenhum pensamento lhe transparecia, nenhum sentimento. O jovem mergulhara na quietude. Estava na origem, no *início*, estava onde seu coração sempre estivera, mas o que era e o que é isso? O que é estar na origem? Diz-me tu, filho. Estás aqui. O que é?